

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
ESCOLA DE SAÚDE - ESUFRN
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – SEDIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE PRECEPTORIA EM SAÚDE

**OPERACIONALIZAÇÃO DO PROTOCOLO INSTITUCIONAL DE ORIENTAÇÕES
DE ENFERMAGEM PARA ALTA HOSPITALAR DO PACIENTE PÓS-
TRANSPLANTE RENAL: UMA INTERVENÇÃO COM RESIDENTES**

ANE KELLY OLIVEIRA DA SILVA

NATAL/RN

2020

ANE KELLY OLIVEIRA DA SILVA

**OPERACIONALIZAÇÃO DO PROTOCOLO INSTITUCIONAL DE ORIENTAÇÕES
DE ENFERMAGEM PARA ALTA HOSPITALAR DO PACIENTE PÓS-
TRANSPLANTE RENAL: UMA INTERVENÇÃO COM RESIDENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização de Preceptoria em Saúde, como requisito final para obtenção do título de Especialista em Preceptoria em Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Assis Neves Dantas

NATAL/RN

2020

PLANO DE PRECEPTORIA (PP)

RESUMO

Introdução: No contexto do transplante renal dentre as inúmeras responsabilidades que cabem ao Enfermeiro nesse processo, além das competências gerenciais e assistenciais, a de comunicação ocupa papel de destaque no processo de educação ao paciente. **Objetivos:** Capacitar os residentes de enfermagem e enfermeiros do serviço para aplicação do Procedimento Operacional Padrão – POP Orientações de Enfermagem para Alta Hospitalar do Paciente Pós-Transplante Renal com intuito de garantir a continuidade do cuidado pelo paciente em seu domicílio. **Metodologia:** Trata-se de um projeto de intervenção, do tipo Plano de Preceptorial que será realizado com os residentes de Enfermagem e Enfermeiros que atuarem no setor de Internamento do Transplante Renal do Hospital Universitário Onofre Lopes - HUOL. **Considerações finais:** Acredita-se que, através desse processo de intervenção, a equipe de saúde possa perceber que a padronização da assistência pode resultar em benefícios para os usuários e para a própria equipe, visto que a utilização de protocolos direciona e organiza a assistência, influencia na qualidade do serviço prestado e, por consequência na satisfação do usuário, além de contribuir para o aprimoramento da prática profissional do Enfermeiro na educação ao paciente pós-transplantado renal.

Descritores: Transplante renal, cuidados de enfermagem, educação ao paciente

1 INTRODUÇÃO

O transplante renal é um procedimento cirúrgico que consiste na transferência de um rim saudável, seja de um doador vivo ou falecido, para um indivíduo portador de insuficiência renal terminal, a fim de substituir a função renal perdida que os rins doentes não conseguem mais manter. De acordo com a Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO) o transplante renal é considerado a mais completa alternativa de substituição da função renal. Tendo como principal vantagem a melhor qualidade de vida, pois o transplante renal garante mais liberdade na rotina diária do paciente (ABTO, 2009).

É notório o grande benefício que o transplante renal proporciona aos seus receptores, todavia, é fato que estes indivíduos assumem perante a realidade do transplante uma troca: da máquina de hemodiálise por um estilo de vida distinto em função do novo conjunto de

necessidades, as quais trazem, por exemplo, a dependência dos imunossupressores e o conseqüente risco de uma rejeição (SILVA, 2014).

No contexto do transplante renal o Enfermeiro e sua equipe são os membros do quadro multiprofissional que estão presentes ininterruptamente, participam da prestação de cuidados durante todo período peri-operatório até sua alta. Dentre as inúmeras responsabilidades que cabem ao Enfermeiro no processo de Transplante, além das competências gerenciais, assistenciais, de comunicação, destaca-se bastante neste contexto a educação ao paciente (MENDES et al., 2012).

Além de um processo cirúrgico exitoso a educação do paciente com orientações alicerçadas no conhecimento científico e adequadas ao seu entendimento são extremamente imprescindíveis para o enfrentamento e sucesso pós-transplante.

É imperativo que os pacientes saiam do hospital informado dos cuidados que deverão ter em sua residência, dos riscos de perda do transplante, de complicações que os rodeiam e da seriedade de cumprir o acompanhamento ambulatorial por toda a sua vida, sendo essencial a atuação do enfermeiro na promoção da continuidade dos cuidados, através da educação em saúde com os pacientes e seus familiares (LIRA, 2010).

Por isso, as orientações de alta pós-transplante proporcionam, em suma, a manutenção do enxerto, pois o processo de orientação e educação em saúde, promovido pelo enfermeiro desenvolve no indivíduo recém-transplantado, habilidades para o autocuidado, no que refere principalmente à adesão ao regime terapêutico e a capacidade do transplantado identificar sinais de infecção e rejeição, além de melhora considerável na qualidade de vida.

Para melhor delimitação do período de orientação de alta pós-transplante renal, utilizaremos a seguinte nomenclatura: 1ª alta pós TX, por se referir ao período imediatamente após a cirurgia do transplante e, também por se tratar de um termo utilizado rotineiramente no nosso serviço para se referir ao paciente recém transplantado.

A escolha da temática se deu pelo fato da pesquisadora atuar com Enfermeira assistencial no setor de internamento do Transplante renal, participando ativamente nos períodos pré, pós-operatório de transplante renal, além orientar a 1ª alta pós TX e assistir pacientes transplantados em condição de infecção e rejeição.

Além disso, a prática diária tem mostrado certa fragilidade no direcionamento do processo de orientação de 1ª alta pós-transplante renal por cada Enfermeiro, o que pode implicar ou impactar negativamente na implementação dessas orientações pelo paciente.

Além disso, quando essas orientações são direcionadas e uniformizadas, o que vamos adequar será apenas o processo comunicativo, considerando, obviamente as particularidades de

cada transplantado para garantir a compreensão de cada informação fornecida para a continuidade do cuidado no domicílio e adesão às práticas de autocuidado essenciais à manutenção e sobrevida do enxerto.

Dessa maneira, a configuração e utilização de um protocolo institucionalizado contendo informações baseadas em evidências científicas, garantem uma mesma abordagem, pois utiliza o mesmo conjunto de materiais e referências para que os resultados alcançados sejam padronizados e de qualidade, independentemente de quem seja o responsável pela orientação.

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), os Procedimentos Operacionais Padrões (POP) são, os “procedimentos escritos de forma objetiva que estabelecem instruções sequenciais para a realização de operações rotineiras e específicas” dentro de um serviço. Ou seja, apresentam uma configuração de um roteiro de tarefas a serem desenvolvidas em uma organização. Sob o formato de um manual, onde as ações e procedimentos são descritos, garantindo assim, uma mesma abordagem, utilizando o mesmo leque de materiais e referências para que os resultados alcançados sejam padronizados e de qualidade, independentemente de quem seja o responsável pela tarefa.

Assim sendo, para promover o entendimento do modo de utilização de tais protocolos seguiremos recomendações do serviço que:

Segundo o manual de padronização de Procedimentos Operacionais Padrão (POPs) da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), estes são documentos imprescindíveis para o exercício de qualquer tarefa realizada com qualidade, eficiência e eficácia, obedecendo critérios técnicos e observando normas e legislação das áreas pertinentes. Os POPs servem de veículo para que as informações acerca dos mais diversos processos cheguem com segurança ao executor. (EBSERH, 2014, p.07).

Portando, nesse estudo, enxergamos a operacionalização do protocolo de Orientações de Alta Pós-Transplante, como de extrema importância para sistematização da assistência de Enfermagem e de grande relevância para a educação do paciente e, conseqüentemente prognóstico positivo do transplante renal.

2 OBJETIVOS

- Capacitar os Residentes de enfermagem e os Enfermeiros que atuarem no setor de internamento do Transplante Renal do Hospital Universitário Onofre Lopes – HUOL, para condução do Processo de orientação de 1ª Alta Pós- TX, através da aplicação do

Procedimento Operacional Padrão – POP Orientações de Enfermagem para Alta Hospitalar do Paciente Pós-Transplante Renal.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um projeto de intervenção, do tipo Plano de Preceptoria que será realizado com Residentes de Enfermagem e os Enfermeiros que atuarem no setor de Internamento do Transplante Renal do HUOL.

3.1 CENÁRIO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

O setor de referência para intervenção é a Unidade de Internação do transplante renal que funciona no Edifício Central de Internamento – ECI do HUOL. Neste setor temos 14 leitos de transplante renal + 1 sala de procedimento que é porta aberta aos pacientes transplantados. Perfazendo um total de 15 leitos.

3.2 ELEMENTOS DO PLANO DE INTERVENÇÃO

No intuito de garantir uma assistência de saúde qualificada aos pacientes recém transplantados internados na nossa unidade, é imprescindível, que toda a equipe de Enfermeiros esteja sensibilizada e capacitada para o manejo das orientações de 1ª Alta Pós-TX.

O instrumento utilizado como referência para a intervenção e orientação de 1ª Alta pós TX será o POP Orientações de Enfermagem para Alta Hospitalar do Paciente Pós-Transplante Renal, criado pelos Enfermeiros Assistenciais do setor de Transplante renal.

3.3 FRAGILIDADES E OPORTUNIDADES

Entre as fragilidades do estudo, está não trazer a avaliação da implementação do POP em curto prazo. Há de se considerar que o processo de transplante renal é dependente de doações voluntárias e, tal fato reflete no nosso quantitativo de transplantes realizados e, conseqüentemente necessidade de Orientações de 1ª Alta.

Acredita-se que, para que o Protocolo de orientações de 1ª alta seja implantado e consequentemente seguido, é necessária uma sensibilização anterior dos profissionais, pois o sucesso desse trabalho de educação ao paciente é diretamente proporcional ao envolvimento de toda a equipe do serviço.

Espera-se com esse trabalho uma percepção positiva sobre a implantação de POPs no serviço de Transplante renal.

3.4 PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Após seis meses da implantação do Protocolo, será realizada uma reunião com a equipe (incluindo profissionais, residentes e coordenação), utilizando o grupo focal, técnica de entrevista em grupo utilizada amplamente em pesquisas com abordagem qualitativa.

Pela sua capacidade interativa e problematizadora, o grupo focal como técnica de coleta e de análise de dados se constitui em uma importante estratégia para inserir os participantes da pesquisa no contexto das discussões de análise e síntese que contribuam para o repensar de atitudes, concepções, práticas e políticas sociais. Possibilita também ressignificar posturas profissionais e aproximar a pesquisa dos cenários de prática. (BACKES, 2011).

O agendamento da reunião do grupo focal ocorrerá conforme disponibilidade dos participantes, priorizando ocasião com maior probabilidade de estarem presentes um maior número de profissionais da equipe.

Será disponibilizada a possibilidade da reunião ocorrer de forma remota, utilizando ferramenta *Google meet* que é de fácil acesso e possibilita a participação mesmo fora do serviço.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que, através desse processo de intervenção, a equipe de saúde possa perceber que a padronização da assistência pode resultar em benefícios para os usuários e para a própria equipe, visto que possibilita uma assistência com maior segurança fundamentada nas melhores evidências científicas e com foco nas necessidades dos usuários.

Espera-se, deste modo, contribuir para o aprimoramento da prática profissional do Enfermeiro na educação ao paciente pós-transplantado renal, uma vez que, a implementação

do protocolo para subsidiar as orientações da alta proporciona ao usuário uma prática assistencial convergente, direcionada, organizada com qualidade e segurança ao paciente.

REFERÊNCIAS

BACKES, D. S.; COLOMÉ, J. S.; ERDMANN, R. H.; LUNARDI, V. L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, 35(4):438-442, 2011.

BORSATO, L.; ESCUDEIRO, C. L. Os saberes e práticas dos enfermeiros no momento da alta hospitalar ao paciente transplantado renal. **Enfermagem Brasil**.16(3):139-146, 2017, disponível em: <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/enfermagembrasil>, acessado em: 22/08/2020.

ABTO. **Diretrizes Básicas para Captação e Retirada de Múltiplos Órgão e Tecidos da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos** / [coordenação executiva Roni de Carvalho Fernandes, Wangles de Vasconcelos Soler; coordenação geral Walter Antonio Pereira]. -- São Paulo : ABTO - Associação Brasileira de Transplante de Órgãos, 2009.

EBSERH. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares – Ministério da Educação. **Manual de Padronização** – Coordenado pela Secretaria Geral – Brasília: EBSERH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, 2014. 16p.

FURTADO, A. M. O.; SOUZA, S. R. O. S.; OLIVEIRA, B. L.; GARCIA, C. N. O enfermeiro assistencial e educador em uma unidade de transplante renal: uma questão desafiadora. **Enfermería Global**. Jul: 27, 2012, disponível em: WWW.um.es/eglobal/, acessado em: 20/08/2020.

INACIO, L. A.; MONTEZELI, J. H.; SADE, P. M. C.; CAVEIAO, C.; HEY, A. P. Atuação do enfermeiro nas orientações de alta ao paciente pós-transplante renal. **Ver. Enferm. UFSM**. Rio Grande do Sul, abr/jun; 4(2):323-331, 2014.

LIRA, A. L. B. C.; LOPES, M. V. O. Pacientes transplantados renais: análise de associação dos diagnósticos de enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, mar; 31(1):108-14, 2010.

MARQUES, R. V.; FREITAS, V. L. Importância da assistência de enfermagem no cuidado ao paciente transplantado renal. **Rev enferm UFPE on line**, Recife, dez, 12(12):3436-3444, 2018.

MENDES, K. D. S.; ROZA, B. A.; BARBOSA, S. F. F.; SCHIRMER, J.; GALVÃO, C. M. O Enfermeiro no processo de doação e transplante de órgãos. **Texto & Contexto Enfermagem**. Florianópolis, Out-Dez; 21(4): 945-53, 2012.

NUNES, S. S.; MONTESINOS, M. J. L.; PEDROSO, V. S. M.; TOLFO, F.; BICK, M. A.; SIQUEIRA, H. C. H. Adesão aos orientações do enfermeiro para cuidado domiciliar do transplantado de medula óssea na perspectiva ecossistêmica. **Texto & Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v.20, 1-13, 2020

PEREIRA, L. R.; CARVALHO, M. F.; SANTOS, J. S.; MACHADO, G. A. B.; MAIA, M. A. C.; ANDRADE, R. D. Avaliação de procedimentos operacionais padrão implantados em um serviço de saúde. **Arquivos de Ciências da Saúde**. São Paulo, out-dez: 24(4) 47-51, 2017.

SANTOS, L. F.; PRADO, B. C.; CASTRO, F. P. S.; BRITO, R. F.; MACIEL, S. C.; AVELAR, T. C. Qualidade de Vida em Transplantados Renais. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 23, n. 1, p. 163-172, jan./mar. 2018.

SILVA, A. E. S.; PONTES, U. O.; GENZINI, T.; PRADO, P. R.; AMARAL, T. L. M. Revisão Integrativa sobre o papel do Enfermeiro no pós-transplante renal. **Cogitare Enferm**. Paraná, Jul/Set; 19(3):597-603, 2014.



APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA GRUPO FOCAL

1. Quais repercussões a realização da orientação de 1ª Alta pós TX seguindo um POP direcionador trouxe para sua abordagem ao paciente?
2. Quais pontencialidades e dificuldades no uso dessa ferramenta (POP Orientações de Enfermagem para Alta Hospitalar do Paciente Pós-Transplante Renal)?
3. Há viabilidade manter a utilização do POP para orientar a 1ª Alta Pós TX?